

## DISCURSOS IDENTITÁRIOS DE MULHERES INDEPENDENTES: HETEROGENEIDADE NA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE SI

Quezia dos Santos LIMA<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste trabalho tem-se como objetivo analisar, sob a ótica da Análise de Discurso, um *corpus* representativo de entrevistas realizadas com mulheres independentes financeiramente atuantes em movimentos feministas. Neste artigo analisa-se a construção das identidades de gênero dessas mulheres, por entender que as feministas representam os interesses de outras mulheres, fazendo parte da construção das identidades delas.

**Palavras-chave:** Gênero; Análise do Discurso; Identidade.

**ABSTRACT:** In this work has an intention to analyze, from the perspective of Discourse Analysis, a representative *corpus* of interviews with women financially independent active in feminist movements. In this paper analyze the construction of gender identities, the feminists represent the interests of the women and participate in the construction of their identities.

**Keywords:** Gender; Discourse Analysis; Identity.

### 1. Introdução

Na maioria das sociedades, as mulheres sempre viveram sob um domínio patriarcal, o qual se caracteriza pelo prevaecimento da autoridade do homem sobre a mulher. O patriarcalismo atinge toda a organização social, desde o relacionamento entre os gêneros, a política, até a cultura. Ao idealizar uma figura centralizadora, de um líder, a sociedade desempenha papéis masculinos e femininos sempre a partir da valorização do homem e conseqüentemente da submissão da mulher.

Com os movimentos sociais dos anos 1960, a história das relações de gênero vem sendo modificada. O movimento feminista como um dos principais dessa década, questionou a distinção entre o privado e o público. Trouxe para as discussões políticas, assuntos da ordem do pessoal: família, sexualidade, trabalho doméstico, a educação das crianças, entre outros.

Para Hall ([1992] 2006 p.):

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia – PPGEL / UNEB e bolsista FAPESB.

Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito.

O feminismo contribuiu para esse descentramento do sujeito pós-moderno, ao questionar a noção de que homens e mulheres faziam parte da mesma identidade, a humanidade. Já não se pensava mais em um sujeito generalizado, formaram-se a partir de então, conceitos como identidade sexual e de gênero.

Após meio século de lutas em defesa dos direitos das mulheres, o movimento feminista possibilitou diversas rupturas na sociedade moderna. Esse movimento abriu para a discussão assuntos que antes eram vistos como da ordem da natureza: a divisão de gênero, homem e mulher, agora é pensada como uma construção social e não como a essência do ser.

O feminismo contribuiu para a construção de identidades femininas. Essas mulheres feministas são também mães, esposas, e trabalhadoras, com o surgimento de novas discussões e debates com algo que já estava estabelecido, há uma transformação tanto social, quanto do modo de subjetivação dessas mulheres. Isso pode ser percebido a partir do fragmento de fala de uma das nossas entrevistadas:

**T6 – Ent:** [...] Na verdade quando você começa a trabalhar na temática que compete muito a questão de relação de gênero, você começa a não somente estudar o que é relação de gênero, você também começa a modificar a sua vida a partir daí, né? Então assim, nós todas somos educadas, mulheres e homens, educadas dentro de uma sociedade machista, numa sociedade patriarcal, então logicamente não por nascer mulher, que nós, né, nós nos tornamos mulher, como diz Simone de Beauvoir, mas não que nós não tenhamos essa, essa carga né, machista, então, nós temos, nós também temos muitas atitudes que são machistas. Eu tenho dois filhos, uma filha e um filho, né? Percebo a dificuldade que existe de educar um filho dentro de uma sociedade machista, para que ele não seja machista, então existem várias barreiras e logicamente que esse trabalho contribuiu muito para a minha mudança pessoal. Claro que sim.

(J. L. – Centro Humanitário de Apoio à Mulher)<sup>2</sup>

Através dessas mudanças de identificação da mulher, possibilitada pelo discurso feminista, surgiu uma crise na estrutura do patriarcalismo. A partir de então houve uma desestabilização do modelo familiar baseado na cultura patriarcal através do aumento de divórcios, da formação de relacionamentos sem a obrigatoriedade do casamento, o número

---

<sup>2</sup> Trecho retirado de uma entrevista realizada para esta pesquisa com a representante do Centro Humanitário de Apoio à Mulher

crescente de mulheres solteiras com a responsabilidade de comandar a família é consequência dos novos rumos tomados pelo feminismo.

De acordo com Áran a família nuclear, formada por pai-mãe-filho e “naturalizada como lugar originário, por excelência, da constituição do sujeito” (ÁRAN, 2006, p.17) enfrenta uma crise em sua constituição devido à queda da nupcialidade, o aumento do divórcio, uma maior rotatividade nas relações conjugais, devido a isso, a família nuclear não pode ser mais considerada como uma base sólida para a construção identitária.

Áran (2006) ainda salienta que houve uma entrada progressiva da mulher no mercado de trabalho e que nos anos 60 e 70 o trabalho feminino era considerado pela sociedade como uma forma de ajudar nas despesas do lar. Hoje há uma mudança significativa da relação da mulher com o seu trabalho.

Hoje as mulheres trabalham também porque querem. Independente da vida familiar, o trabalho feminino se tornou um valor. Não queremos dizer com isso que as mulheres não sejam mais as principais responsáveis pela organização do lar, mas a necessidade de trabalhar “fora” se caracteriza, também como sendo um desejo de autonomia, onde a identidade feminina não exclui uma vida profissional de sucesso.

(ÁRAN, 2006, p. 21)

É verdade que muitas mulheres trabalham fora de casa em busca da autonomia, mas não se pode generalizar, já que as mulheres não são universais e diferentes fatores sócio-históricos podem favorecer a entrada da mulher no mercado de trabalho. Em nota de rodapé, Áran (2006) explica que muitas mulheres trabalham para a sobrevivência, não é apenas uma escolha e sim uma imposição social.

De fato, o sistema patriarcal deixou de ser explícito, mas continua presente nas relações de gênero. Diferente de séculos passados, as mulheres podem escolher livremente não colocar o sobrenome do marido ao se casar, pode também dividir as contas e as tarefas domésticas. Ainda assim, muitas mulheres permanecem presas ideologicamente à cultura patriarcalista e assumem a dupla jornada de trabalho, assim como reproduzem os discursos que o feminismo tentou apagar. Os homens, por outro lado, comodamente não abrem mão do poder sobre as mulheres, o que acarreta na lentidão dos avanços femininos, no que diz respeito à competitividade de salários, à igualdade de direitos.

A proposta para este trabalho é a de analisar o discurso de mulheres representantes de outras mulheres, ou seja, mulheres atuantes em movimentos feministas. Interessa aqui entender como se dá a construção das identidades de gênero, já que essas mulheres têm papéis

desafiadores na sociedade: Ao mesmo tempo em que as feministas representam os interesses de outras mulheres, fazendo parte, de alguma forma, da construção das identidades delas, também estão se redescobrimdo passam por um processo contínuo de mudança de identificação.

Em um dos dados coletados, a entrevistada reconhece que a sua participação no movimento de mulheres é um processo de transformação de si:

**T18 – Ent:** [...] Elas se juntam, logicamente, que uma, né? Eu sou uma pessoa só, mas eu tenho várias facetas assim né? Tem a J. mãe, tem a J. trabalhadora, tem a J. dona-de-casa, tem a J. amiga, enfim... É... Esse trabalho pra mim, além de me fazer crescer como mulher, como ser humano dentro de uma sociedade mais ampla, me fez perceber que assim, as, as escolhas que as pessoas fazem em suas vidas têm que ser respeitadas, porque normalmente quando você entra com um trabalho que tem um cunho social, você acha que você vai salvar alguém, na verdade você não salva ninguém, você vai ser, você vai tentar entender o que a pessoa passou, o que ela tá passando, e dentro do mundo dela e das opções dela, tentar mostrar alguma, algum caminho que possa, que ela possa seguir, mas eu aprendi que a escolha é muito sua, é individual demais, né, que às vezes você pode mostrar vários caminhos e a pessoas toma outro caminho, então isso é muito gratificante também, saber que você não é única, saber que você pode, pode apoiar muitas pessoas, saber que às vezes esse apoio não valeu muito, enfim, eu acho que me ensinou a me situar no mundo, de não achar que o meu trabalho é o melhor.

(J. L. – Centro Humanitário de Apoio à Mulher)<sup>3</sup>

Essas mulheres fazem parte de um determinado grupo na sociedade, participam de movimentos sociais, de movimentos feministas, estes atuam diretamente na construção de novas identidades. Ao atuar de forma efetiva, com o objetivo de representar outras mulheres e acima de tudo serem formadoras de opinião é uma transformação de vida e do cotidiano dessas feministas, concordando com Pinto (1992, p. 131): a passagem do mundo privado para o para o mundo público “envolve uma rede de rupturas e a constituição de uma identidade pública”.

## 2. Quem são elas que nos representam?

Este é um recorte da pesquisa de mestrado em andamento, aqui são utilizados como objeto de estudo fragmentos de três entrevistas realizadas com mulheres representantes de movimentos feministas, gravadas com aparelho de som. A duração em média de cada entrevista é de 35 minutos, contabilizando o total de 105 minutos de gravação.

---

<sup>3</sup> Trecho retirado de uma entrevista realizada para esta pesquisa com a representante do Centro Humanitário de Apoio à Mulher

O roteiro de entrevista, previamente elaborado, versou sobre assuntos e opiniões a respeito do feminismo e do cotidiano da mulher. Para este artigo, será utilizada apenas a temática da mulher feminista, o que as mulheres entrevistadas falaram a respeito do que é ser uma mulher feminista e se gostam de serem chamadas assim.

É importante ressaltar que o número de entrevistas não constitui, segundo o paradigma científico de estudo que realizamos, condição fundamental em relação à credibilidade ou a segurança dos seus resultados, pois não se trata de uma pesquisa quantitativa e sim qualitativa, que irá verificar, a partir mesmo da expressão singular de um sujeito falante, as condições de realização daquele discurso.

Na pesquisa em questão, apesar de todas as entrevistadas serem de movimentos feministas, as experiências vividas são diferenciadas e isso é singularizado na fala. Se uma resposta não se encaixa em um padrão, se foge à regra, na pesquisa qualitativa esta não deve ser descartada. Cada entrevista é um dado importante, de qualidade. Cada fala é representativa e buscou-se com essa pesquisa encontrar no caminho metodológico indícios, pistas sobre os dados.

Através da seleção de três instituições criadas para defender os direitos das mulheres na sociedade e um partido político, foram escolhidas uma representante de cada entidade para serem entrevistadas. As instituições são: O Centro Humanitário de Apoio à Mulher (CHAME) que tem como missão alertar e prevenir a sociedade para os riscos da exploração da mulher nas diferentes formas de migração; Centro de Referência Loreta Valadares – Prevenção e Atenção a Mulheres em Situação de Violência (CRLV), um serviço público e gratuito de prevenção e atendimento psicológico, social e jurídico a mulheres que sofrem violência pelo fato de serem mulheres; Centro de Referência à Mulher Policial Militar, que oferece suporte psicossocial e em assuntos correlatos ao gênero, no âmbito da instituição.

Os nomes das entrevistadas foram preservados, já que o estudo em Análise do Discurso não se preocupa com o indivíduo específico, mas o indivíduo interpelado em sujeito pela ideologia. Para a identificação de representantes das instituições, foram criados nomes fictícios.

A partir da delimitação do *corpus*, buscar-se-á, neste artigo, entender como se dá a construção das identidades de gênero, fazendo uma comparação com o sujeito da análise do discurso.

### 3. As diferentes mulheres do feminismo: sujeitos múltiplos e múltiplos sujeitos

Em diversos países, o feminismo está presente em organizações e instituições sociais com práticas diversas, de acordo com os contextos sócio-culturais. O que identifica os diferentes feminismos como partes da mesma essência, é justamente essa oposição do gênero feminino ao sistema patriarcal.

A partir da diversidade sócio-cultural que torna o feminismo múltiplo, há uma tensão a ser esclarecida: como se pensar no sujeito do feminismo, já que não há uma identidade fixa, imutável? Não há identidade da mulher universal, de forma generalizada, mas identidades de várias mulheres, as quais são subjetivadas de diversas maneiras, de acordo com as diferentes experiências de vida e as formas como cada mulher as vivencia. Não há como pensar apenas no binarismo homem/mulher, pois nem tudo é uma questão de gênero. Devem-se considerar questões raciais, étnicas, geracionais, sexuais e de classe, pois para cada categoria, outros problemas e sistemas de opressão estão envolvidos.

Macedo (1998, p. 88) afirma que a vivência de experiência contribui para a construção de identidades.

Não se postula aqui uma identidade única entre as mulheres, mas na possibilidade de que a vivência de experiências contextualizadas e historicizadas possam favorecer a construção de um campo de reconhecimento, ação, reflexão comuns onde os sujeitos possam se “situar”.

Não se pode negar a diferença de oportunidades entre mulheres negras e mulheres brancas. Ainda é mais agravante quando se trata de uma mulher pobre. As diferentes condições de desigualdade social as distanciam da suposta mulher universal. As identidades dessas mulheres são definidas em relação ao sexo, gênero, geração, etnia e classe social. São mulheres múltiplas e plurais.

Os avanços do movimento não dependem apenas de ações políticas, dependem também da forma de subjetivação dessas mulheres. Como as identidades são construídas historicamente, muitas vezes a mulher não está preparada para essas mudanças sociais, no que diz respeito à delimitação dos papéis do homem e da mulher na sociedade. É um processo que aos pouco vai sendo construído, de acordo com as experiências vivenciadas.

É indiscutível que as mulheres modernas, ou seja, as mulheres desse novo tempo modificaram e muito os papéis na sociedade. O que deve ser analisado é como esse novo perfil de mulher foi construído na sociedade. Hoje as mulheres “podem” tudo. Conquistaram

a liberdade sexual, já podem exercer funções masculinas, não são obrigadas a adicionar o sobrenome do marido. Em contrapartida, as mulheres entram no mercado de trabalho e conseqüentemente acumulam tarefas, constituindo assim o fenômeno pós-moderno da dupla jornada de trabalho.

As propagandas publicitárias apostam na imagem da *multimulher* para venderem seus produtos. A *multimulher* desempenha os papéis de dona-de-casa, mãe, professora, esposa, amiga, trabalhadora, entre muitas outras. Esse novo perfil de mulher valorizado pela mídia naturaliza a soma de diferentes funções da mulher. O que poderia ser visto como um avanço do movimento feminista, é de uma certa forma, uma estagnação, pois a mulher acumula tarefas e é cobrada muito mais da sociedade para que assuma esses novos papéis e ao mesmo tempo mantenha a imagem de mulher de família.

A partir desses novos caminhos abertos pelo feminismo, as mulheres estão conquistando mais espaço na sociedade, através de políticas públicas de inclusão de mulheres no mercado de trabalho. Devido a isso, muitas acreditam que já chegaram a um *status* de igualdade social em relação ao sexo masculino. Apesar desses avanços, a maioria delas continua ocupando uma posição à sombra do homem, pois na maioria das empresas, os cargos de chefia ainda continuam sendo deles.

#### **4. O sujeito descentrado da Análise do Discurso**

Para esclarecer melhor como se dá a constituição do sujeito e dessa forma entender a forma como as feministas são subjetivadas, faz-se necessário ilustrar como a Análise do Discurso (AD) aborda essa noção. Para a AD, o sujeito não é dado *a priori*, resulta de uma estrutura complexa, tem existência no espaço discursivo, é descentrado.

A AD não concebe o sujeito como um indivíduo comum, que tem existência particular no mundo. Não se trata de Maria, Márcia ou Cristina, mas do sujeito existente no espaço social e ideológico, em um determinado momento histórico e constituído pela interação social com diferentes sujeitos. De acordo com Orlandi (2005, p.100): “A ideologia interpela o indivíduo em sujeito e este submete-se à língua significando e significando-se pelo simbólico na história”.

Para Orlandi (2005, p.39): “O lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz”. É a chamada relação de força. Nos dados analisados nessa pesquisa, observaremos que as feministas falam a partir de lugar: de representantes, do lugar de mãe de família, mulher, etc. É através das formações imaginárias que são produzidas as posições discursivas dos

sujeitos. A posição sujeito de mulheres feministas se dá a partir de diferentes formações imaginárias que se modificam de acordo com o contexto sócio-histórico em que estão inseridos.

Ao enunciar, o sujeito pode antecipar os efeitos de sentido que seu discurso causará em seus interlocutores. Essa antecipação determina sua argumentação, pois o sujeito acredita que a opção por uma forma discursiva ou por outra poderá determinar diferentes efeitos de sentido em seus interlocutores.

Por outro lado, segundo o mecanismo de antecipação, todo sujeito tem capacidade experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que seu interlocutor “ouve” suas palavras. Ele antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem. Esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte. (ORLANDI, 2005, p. 39)

Nesta pesquisa, pode-se perceber esse jogo discursivo, ao considerar que em uma situação de entrevista, o local social ocupado pela entrevistada é de representante de uma instituição em defesa das mulheres, portanto é uma mulher feminista e que a todo tempo pretende ir de encontro ao sistema patriarcalista. Em seu imaginário idealiza os efeitos de sentidos produzidos pela entrevistadora, mas o sujeito não pode controlar esses sentidos, os quais não dependem do sujeito e não são fixados.

A AD desempenha um papel fundamental para a pesquisa em questão, pois coloca em questão a interpretação. Para ela interessam as relações de sentido do discurso e a própria interpretação é analisada, pois ela intervém no real do sentido. Os sentidos das palavras não são imanentes, são produzidos de acordo com os lugares ocupados pelos sujeitos e as condições sócio-históricas e ideológicas de produção.

Os sentidos sempre são determinados ideologicamente e a formação discursiva é a representação da formação ideológica.

Os sentidos não estão assim pré-determinados por propriedades da língua. Dependem de relações constituídas nas / pelas formações discursivas. No entanto, é preciso não pensar as formações discursivas como blocos homogêneos funcionando automaticamente. Elas são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações.

(ORLANDI, 2005, p. 44)

A noção de formação discursiva é importante para entender como o sujeito discursivo funciona. Um sujeito histórico, ideológico que ignora que o é, pois é igualmente afetado, em

sua constituição pelo inconsciente (INDURSKY, 2008, p.2). Nos dados desta pesquisa, as mulheres entrevistadas são interpeladas em sujeitos feministas ao se identificarem com a FD feminista.

Ao analisar o discurso mulheres feministas, não nos preocuparemos, em saber quem é o indivíduo, se é Maria ou Joana, mas sim como esse indivíduo se posiciona como sujeito. De onde ele fala, para quem está falando, e quais posições-sujeito cada indivíduo ocupa. Segundo Orlandi (2005, p. 40), há uma diferença entre os lugares do sujeito e suas posições: as situações empíricas são os lugares do sujeito que, a partir de imagens, fazem projeções, as quais permitem passar dos lugares dos sujeitos para a posição dos sujeitos no discurso. Essas posições modificam-se e diferenciam-se em relação ao contexto sócio-histórico e à memória discursiva.

Marcado espacial e temporalmente, o sujeito é essencialmente histórico. E porque sua fala é produzida a partir de um determinado lugar e de um determinado tempo, à concepção de um sujeito histórico articula-se outra noção fundamental: a de um sujeito ideológico. Sua fala é um recorte de representações de um tempo histórico e de um espaço social.

(BRANDÃO, 2004, p. 59)

A AD contribuirá sobremaneira para os estudos das falas dessas mulheres. A partir dessa teoria, poderá se conhecer quem são esses sujeitos discursivos, quais as diferentes posições sujeitos e os efeitos de sentido que esses discursos produzem.

## **5. Feminista eu?**

Considerando o discurso construído historicamente e perpassado pela ideologia, entende-se que discursos oriundos do sistema patriarcalista continuam a circular na sociedade, mesmo após as conquistas feministas. Isto pode ser claramente confirmado através de discursos de homens ou em propagandas veiculadas na mídia em geral, os quais reproduzem ideologias patriarcalistas.

Hoje não é mais novidade estudar os impactos do movimento feminista na sociedade. Há diversos estudos para entender de que forma os homens, a mídia em geral se adaptaram aos novos comportamentos das mulheres. O interesse com esta pesquisa, no entanto, é estudar de que maneira esses discursos estão presentes em falas de mulheres no movimento feministas e como contribuem para a construção de identidades de gênero.

É crescente o número de instituições no Brasil que foram criadas para defender os direitos das mulheres, a fim de buscar a igualdade de gêneros. Na área do direito, nos partidos políticos, nas universidades, na saúde, sempre há um setor especial para políticas afirmativas. As mulheres que estão à frente desses órgãos contribuem de forma direta para possibilitar as mudanças que estão ocorrendo na sociedade. Elas, aparentemente são modelos de independência a serem seguidos. Este trabalho visa conhecer essas mulheres e entender como são construídas as identidades de gênero. Esses sujeitos, em seus discursos mostram-se divididos entre discursos do movimento e os discursos do outro? Que imagens de si são construídas discursivamente?

O trecho a seguir corresponde a um fragmento da entrevista da representante do Centro de Referências Loreta Valadares, ela, assim como outras mulheres, trabalha na instituição atendendo mulheres vítimas de violência. A entrevistada respondeu se ela considerava-se uma feminista.

**T33 – Ent:** Eu me considero porque eu defendo o fim do sistema patriarcal, né, acho que as mulheres não tem seus direitos é...garantidos, sobretudo os direitos humanos né, assim é todo nosso cotidiano, tanto profissional e militância é pra ver as mulheres numa sociedade igualitária, numa situação de igualdade, né, então se o feminismo quer acabar com isso, se o movimento feminista é... radicalizar com esse patriarcado, né, é... criar novas condições para que as pessoas, mulheres e homens tenham condições iguais, eu acho que, sobretudo as mulheres não fiquem em situação de desigualdade. (T. CRLV)<sup>4</sup>

Considerando o sujeito constituído na e pela linguagem, um sujeito histórico-social, no fragmento acima, o sujeito aí interpelado ideologicamente, identifica-se como feminista. Para essa mulher, aqui estamos falando de uma mulher que ocupa um lugar social de representante de uma instituição de apoio à mulher, ser feminista é defender o fim do sistema patriarcal. Esta mulher identifica-se como feminista, aquela que quer igualdade de direitos entre homens e mulheres.

No fragmento a seguir, a representante do CHAME – Centro Humanitário de Apoio à Mulher também se identifica como uma mulher feminista:

**T37 – Quezia:** E a senhora se considera assim, é... uma feminista, ser chamada feminista, gosta de ser chamada assim?

---

<sup>4</sup> Trecho retirado de uma entrevista realizada para esta pesquisa com a representante do Centro de Referência Loreta Valadares.

**T38 – Ent:** Gosto de ser chamada feminista, sou feminista, me declaro feminista, sei que eu tenho que aprender muito ainda, ainda acho que sou uma iniciante, tenho só cinquenta anos [...] feminismo, mas sim, me considero feminista sim e tenho muito orgulho de ser feminista, não tenho nenhum problema de ser feminista. (J.L CHAME)<sup>5</sup>

**T30 – Quezia:** E assim, em relação ao feminismo, vocês se considera feministas, gosta de ser chamada assim?

**T31 – EntA:** Com certeza, ah, com certeza absoluta. (...) então eu me considero sim uma jovem feminista, jovem no sentido de que, jovem, porque não tem grupo jovens feministas né, mas jovem no sentido de iniciante, até que meu, meu mestrado também, eu to pleiteando entrar como aluna especial do NEIM, pra trabalhar gênero lá dentro, não sei mais se com a polícia, porque é muito complicado trabalhar com a polícia. (P. CRMF)<sup>6</sup>

O processo de identificação aí em mulheres feministas se dá no nível da experiência. Ao dizer: “ainda acho que sou uma iniciante” ou “eu me considero sim uma jovem feminista, jovem no sentido de iniciante”, esses sujeitos identificam-se parcialmente como sendo feministas, pois suas identidades são condicionadas à ação, que elas dizem estar ainda iniciando. Para Macedo (1998, p. 88), “é através da experiência que a identidade vai perdendo uma certa noção de “fixidez” e se constituindo, via articulação de práticas e representações, particularmente, nas sociabilidades dos grupos e espaços de luta e afirmação de projetos comuns”. Sendo assim, a importância da prática do movimento feminista constitui-se uma esfera fundamental na constituição da identidade de gênero.

## 6. Considerações finais

Esta foi uma pequena amostra do trabalho que está sendo desenvolvido para a dissertação de mestrado. A importância em estudar os discursos de mulheres feministas se dá justamente porque são elas as responsáveis diretas pelas mudanças sociais de gênero. O movimento feminista contribuiu de forma efetiva para que hoje as mulheres alcançassem um patamar maior na vida pública. É certo que ainda não há igualdade de direitos, as mulheres ainda tem muita coisa para conquistar. Ainda assim, quase todas as mulheres foram beneficiadas através das lutas feministas. É verdade que muitas mulheres, hoje independentes financeiramente, não compartilham dos mesmos ideais das mulheres do movimento feminista, aquelas estão divididas entre os avanços femininos e os discursos patriarcalistas, acumulando várias funções.

---

<sup>5</sup> Trecho retirado de uma entrevista realizada para esta pesquisa com a representante do Centro Humanitário de Apoio à Mulher.

<sup>6</sup> Trecho retirado de uma entrevista realizada para esta pesquisa com a representante do Centro de Referência Maria Felipa.

## REFERÊNCIAS

ÁRAN, Márcia. **O avesso do avesso: feminilidade e novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BRANDÃO, Helena Nagamine. **Introdução à Análise do discurso**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMAN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília (Orgs.) **Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua**. Porto Alegre, Nova Prova, PPG-Letras/UFRGS, 2008. (Col. Ensaio, 22).

MACÊDO, Márcia dos Santos. Mulheres da periferia: articulando espaços de construção de identidade. p. 87-96. In: PASSOS, Elizete; ALVES, Ívia; MACÊDO, Márcia. **Metamorfoses: gênero nas perspectivas interdisciplinares**. Salvador: UFBA, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a mulher, 1998.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade Federal de Campinas, 1997.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Método/história. In: \_\_\_\_\_. **Discurso e leitura**. 8. ed. - São Paulo: Campinas: Cortez, Editora da Unicamp, 2008, p. 15-50.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso. Princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 6ª edição, 2005.

PINTO, Celi R. J. Movimentos Sociais: espaços privilegiados da mulher enquanto sujeito político. In: OLIVEIRA, Albertina, BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992, p. 127-150.